

INDÚSTRIA

# Depois da cheia, marcas voltaram mais fortes

**Indústrias de alimentos conseguiram recuperação e ampliaram mercado**

Eduardo Torres

Três dias antes da enchente, José Amarante, dono da empresa, não acreditava que, de alguma maneira, a água poderia chegar ou invadir a área de uma das mais tradicionais indústrias de alimentos de Porto Alegre, na rua Comendador Coruja, junto da avenida Voluntários da Pátria, no bairro Floresta. Até que só foi possível entrar de barco, com a água a 1,9 metro dentro da área de produção do tradicional salgadinho Pastelina. Poderia ser o fim de uma história de, até então, 74 anos. Foi quando o prestígio da marca junto ao público contrariou o cenário de terra arrasada. Dois anos depois, a Pastelina ampliou seu portfólio, é exportada e já dobrou a produção em relação ao período pré-cheia.

"Hoje, o nosso produto não fica mais do que quatro dias estocado. Nossa ideia é triplicarmos a produção em relação ao que tínhamos antes até o final deste ano, após toda a remodelação que fizemos da indústria", conta Amarante.

A destruição na fábrica virou notícia, e aí veio a surpresa. A reação do público consumidor da Pastelina nas redes sociais, inclusive com o varejo encomendando salgadinhos, mesmo com a fábrica ainda sem condições de entrega, foi o empurrão para a retomada, que não é isolada. No bairro Sarandi, por exemplo, a padaria atacadista Salga Alimentos, após investir na retomada depois de ser fortemente atingida pela cheia, registrou um crescimento nos resultados de 150%. Exemplo mais visível neste setor de alimentos e bebidas na Capital foi a revolução na indústria da Coca-Cola Femsá, hoje uma das mais modernas da empresa.

Na Pastelina, foram investidos



TÂNIA MEINERZ/JC

Fábrica da Pastelina, no bairro Floresta, na Capital, foi tomada pelas águas

R\$ 9 milhões para a retomada e renovação de maquinários, essencialmente, três embaladeiras, cilindros para preparação de massa, fritadeiras, esteiras e mais veículos para ampliar a distribuição. O parque industrial recebeu ainda R\$ 4 milhões em aportes para uma ampliação.

Até o final do ano, o parque industrial terá 1,5 mil metros quadrados. Um crescimento de 800 metros quadrados nesses dois últimos anos.

"Antes da enchente, já estava no nosso horizonte aumentarmos o mix de produtos, com novos sabores. Quando vimos a repercussão para a nossa retomada, passamos também a ouvir o consumidor na definição de novos sabores, e essa interação é uma marca da nossa renovação", explica o diretor da Pastelina.

Hoje, são cinco sabores nos mercados e, adianta Amarante, há outros três prontos para chegarem ao mercado. A produção chega a 800 mil pacotes de Pastelina por mês, chegando ao triplo dos números de 2024. Está também nos planos uma possível entrada no mercado de massas de pastel e lasanha.

O que não passa pela cabeça de José Amarante é deixar Porto Alegre, mesmo com o baque de dois anos atrás.

## A importância do setor de bebidas e alimentos

- 5.010 indústrias de bebidas e alimentos entre a Região Metropolitana e o Vale do Sinos
- 760 (15,6%) foram diretamente atingidas pela cheia de 2024
- Em Canoas, 45% das indústrias do setor foram atingidas
- Em Porto Alegre, foram 14,8% das indústrias do setor atingidas

(FONTE: MAPA ÚNICO DO PLANO RS/GOVERNO DO ESTADO)

"Confiança de que não acontecerá de novo ainda não é possível ter, mas estar aqui é estar no centro consumidor do Estado, com uma logística muito facilitada para nós. Para a nossa marca, não tem como tirar a produção de Porto Alegre. Mas, é claro, o nosso produto tem chegado cada vez mais longe", comenta.

A estratégia da empresa é consolidar o prestígio que a fez superar a crise em novas regiões. Desde o interior do Rio Grande do Sul, com potencial de crescimento especialmente no Norte, até regiões como o litoral de Santa Catarina e a possível multiplicação de entrepostos logísticos no País. Isso porque em São Paulo, por exemplo, já há um mercado consolidado, com ideia de expansão para o interior paulista e o oeste paranaense.

Fora do Brasil, já é possível encontrar Pastelina nos Estados Unidos, Argentina e Uruguai. Além de negociações avançadas para exportações em Portugal e Angola.

## Enxurrada atingiu 15% das empresas do setor

De acordo com o Mapa Único do Plano Rio Grande, do governo estadual gaúcho, 760, ou 15,6%, das indústrias de bebidas e alimentos das regiões Metropolitana e Vale do Sinos foram diretamente atingidas pela cheia. O dano mais significativo impactou as fábricas de Canoas, onde 207 das 467 estavam em áreas alagadas, representando quase 60% de todos os CNPJs afetados pela cheia na cidade.

Em Porto Alegre, onde opera a fabricante de alfajores Odara, 14,8% das indústrias do setor foram atingidas. No caso desta empresa, instalada atrás da Fiergs, no bairro Sarandi, foram R\$ 3 milhões em prejuízos. E o caminho foi o da retomada revigorada.

"Depois de vermos a água entrar mais de dois metros dentro da fábrica, dobramos a aposta. Em 2024, no comparativo com 2023, tivemos crescimento e temos mantido uma alta de 40% a 50% ao ano. Foi um evento que nos mostrou o quanto a marca era querida pelo público, então tratamos de investir nela, na marca e na infraestrutura", conta o sócio da Odara, Jeison Scheid.

A partir de um financiamento e com subsídios dos planos públicos de recuperação, a aquisição de maquinário e a retomada da produção se tornaram possíveis. Foram R\$ 3 milhões investidos desde então, e a manutenção, para este ano, de R\$ 2 milhões em investimentos.

"Foram mais de 3,5 mil CPFs diferentes que, pelo nosso site, compraram alfajores em maio de 2024, com a produção ainda parada, para entregas em agosto. Vimos que o comercial e o marketing teriam que ser braços

muito fortes na nossa retomada com diferenciais. Depois de dez anos trabalhando com três produtos nas nossas linhas, o leque de produtos adaptados a um novo perfil de consumidores, se abriu", diz o empresário.

Hoje é possível encontrar os alfajores da Odara no formato zero açúcar e zero lactose, por exemplo. Produtos que, em maio, já respondiam por 20% do faturamento. Para junho, a empresa projetava lançar um brownie e outros itens ainda em desenvolvimento. São fabricadas 15 mil unidades por hora e, em março, a Odara abriu o segundo turno de produção.

"O nosso processo de recuperação a partir da cheia nos fez valorizar ainda mais o que sempre procuramos vender junto com o produto. Não é só um alfajor bem recheado, é uma marca com valores saudáveis e positivos, com identidade junto ao nosso público", detalha Scheid.

Criada em 2013 em Garopaba, Santa Catarina, em 2014 a produção foi iniciada em Porto Alegre. Passaram por três sedes até a atual fábrica na zona norte da Capital. A Odara é hoje a maior empresa de alfajores do Brasil, mesmo que os verificadores de vendas do varejo classifiquem a empresa gaúcha como fabricante de pão de mel". Ainda não há a categoria alfajor.

Hoje, além do Rio Grande do Sul, os produtos chegam aos mercados do Sul, Sudeste e em estados como Bahia e Alagoas, no Nordeste, e a Brasília, no centro do País. Mais recentemente, a Odara firmou acordos com duas redes de varejo do Uruguai para a exportação do produto a um dos maiores públicos consumidores do alfajor.

ODARA/DIVULGAÇÃO/JC



Odara fica no bairro Sarandi e registrou R\$ 3 milhões em prejuízos

## Os polos locais

- Pães, massas e bolos: Gravataí, Canoas, Alvorada, Cachoeirinha, Sapiranga
- Bebidas: Porto Alegre, Sapucaia do Sul, Viamão, Campo Bom
- Doces e Salgados: Santo Antônio da Patrulha, Porto Alegre, Sapucaia do Sul

(FONTE: MAPA ÚNICO DO PLANO RS/GOVERNO DO ESTADO)